

Motricidade Humana - qual o futuro?

Manuel¹Sérgio

¹Presidente do ISEIT (Instituto Piaget – Almada)

Sérgio, M. (2005). **Motricidade Humana - qual o futuro?** Motricidade 1 (4): 271-283.

Resumo

O autor deste artigo sugere a existência da ciência da motricidade humana (CMH), onde se integram o desporto, a dança, a ergonomia e a reabilitação psicomotora e apresenta a referida ciência humana como o terceiro corte epistemológico, nesta área do conhecimento, depois da ginástica e da educação física, e assumindo uma nítida ruptura com a modernidade, designadamente com os dualismos que a distinguem. A CMH surge como um problema ontológico, um problema epistemológico e um problema político e o seu futuro está na inequívoca passagem do “físico” à complexidade humana, no movimento intencional da transcendência (ou superação) e tendo mesmo em conta uma intencionalidade que emerge da consciência do corpo e que a fenomenologia não salientou. Aliás, a transcendência é aqui apresentada como o sentido da motricidade humana e da própria vida. O autor apresenta a ideia de que é preciso reestruturar os “curricula” das licenciaturas em Motricidade Humana ou em Desporto, através do estudo do corpo físico-biológico, do corpo psicológico, do corpo cultural e noético e do corpo artístico.

Palavras-Chave: Ciência da motricidade humana, desporto dança, ergonomia, reabilitação psicomotora, transcendência, corte epistemológico, complexidade, método integrativo, movimento intencional, corpo em acto, consciência do corpo, corpo físico-biológico, corpo psicológico, corpo cultural e noético, corpo artístico, sentido, inovação.

data de submissão: 14-09-05

data de aceitação: 10-10-05

Abstract

Human Motricity: which future?

The author of this article suggests that there should be a human motricity science (HMS) which would include sport, dance, ergonomics and psychomotive rehabilitation and presents this human science as the third epistemological court in this area of knowledge after gymnastics and physical education, assuming a clear with modernity, specifically with the dualisms which characterise it. He presents HMS as an ontological problem, an epistemological problem and a political problem and its future is in the unequivocal passage from the “physical” to human complexity, in the intentional motricity of transcendence (or surmounting) and really taking account of an intentionality which emerges from the conscience of the body and which phenomenology has not enhanced. In fact, transcendence is presented here as the meaning of human motricity and of life itself. The author presents the idea that the “curricula” of degree courses in Human Motricity or Sport need to be restructured through the study of the physical-biological body, the psychological body, the cultural and noetic body, and the artistic body.

Key words: Human motricity science, sport, dance, ergonomics, psychomotive rehabilitation, integrative method, intentional movement, body in action, conscience of the body, physical-biological body, psychological body, cultural and noetic body, artistic body, meaning, innovation.

1. Se bem interpreto o mundo que me rodeia, no qual me movimento e sou, poderei fixar (com muito atrevimento) em dez as principais características do nosso tempo: a globalização, ou seja, através da tecnociência, designadamente através das tecnologias da informação (não é a informação a diferença que faz a diferença?), o mundo resume-se a uma aldeia (McLuhan), a uma telépolis (J. Echeverria), aberta, vulnerável e em constante mutação; progressiva des-socialização e precariedade do carácter social do trabalho, fomentadas pelo neoliberalismo vencedor e mundializado, o qual, embora as novas tecnologias, não reduz o número dos desempregados; alta competição como “modus vivendi” habitual do “homo oeconomicus” que observa toda a sua vida à luz única dos seus interesses e ainda, devido ao economicismo ambiente, avaliação das pessoas pelo que **têm** e não pelo que **são**; criação empenhada, através do contra-poder antagónico e correspondente ao poder do ideal metafísico platónico, presente no discurso político, de valores decorrentes do reconhecimento da humanidade como um todo e com iguais direitos, na diversidade dos povos, das raças, das culturas e de uma revolução científica, que habita o universo dos sistemas abertos e das estruturas dissipativas; inversão do platonismo, como queria Nietzsche, e portanto rejeição de uma ideia de Outro como a repetição, em linguagem diferente, do Mesmo, o que significa que o princípio de tudo é um paradigma complexo e que o simples não passa de mera aparência (é preciso passar da identidade à diferença, como a pós-modernidade, ou o pós-estruturalismo de Derrida e Deleuze, o aconselham); na ciência hodierna, o desequilíbrio, o caos, o indeterminado resultam da complexidade e apelam ao surgimento de um novo Logos, de um novo Método; os progressos na segunda revolução da saúde, que se centram na saúde e não na doença, que preconizam o retorno a uma perspectiva ecológica e as reflexões no campo da “ética para a saúde”; a certeza que o estado adulto de uma área do conhecimento se mede também pela consciência da sua responsabilidade social; é no modo de agir e movimentar-se

que o ser humano corporiza uma segunda criação e, portanto, é na transcendência típica da motricidade humana, onde não se encontra qualquer metalinguagem despótica, que o homem se aproxima de Absoluto (ou de Deus); a secularização da moral e da política, de acordo com a precedência da existência sobre a essência, anunciada em Rousseau e em Sartre; crise evidente das religiões, bem expressa, tanto no terrorismo em nome de Alá, como no espírito de cruzada de G. Bush e na eleição, para Papa, do Cardeal Ratzinger, braço direito de João Paulo II, em tudo o que neste papado significou reacção e conservantismo.

A ciência da motricidade humana (CMH), que apresenta como sub-sistemas mais visíveis o desporto (onde também cabe o jogo desportivo), a dança, a ergonomia e a reabilitação psicomotora, nasce, no mundo cultural e social que acima sintetizei, como problema ontológico, como problema epistemológico, como problema político. Como problema ontológico, pela ausência de um paradigma organizador que norteasse a prática e a investigação sobre o ser humano, no movimento intencional da transcendência, onde o que José Gil chama “consciência do corpo” está presente, pois que a intencionalidade, para além do que a fenomenologia estudou, dirige-se ao corpo, sem o reduzir a objecto. “A consciência do corpo abre-se em direcção a um mundo primitivo, selvagem ou originário, para empregarmos (...) a terminologia fenomenológica (...). No entanto, este mundo não comporta abismos psicológicos, nem se limita apenas ao campo dos movimentos corporais. A consciência do corpo não acaba no corpo. Mergulhando no corpo, a consciência abre-se ao mundo; já não como consciência de alguma coisa, já não segundo uma intencionalidade que faria dela a doadora de sentido, não pondo um objecto diante de si, mas como adesão imediata ao mundo, como contacto e contágio com as forças do mundo” (**Movimento Total – o corpo e a dança**, Relógio d’Água, Lisboa, 2001, p. 176). Assim, a Educação Física e o seu conteúdo são declaradamente insuficientes para comporem uma ciência. Ela deverá apresen-

tar-se, unicamente, como o ramo pedagógico de uma qualquer ciência. Mas...que ciência? E uma ciência formal, empírico-formal, ou hermenêutica? Neste assunto se tocou, em breves e lúcidas palavras de Cagigal, Le Boulch, Parlebas, Manoel Tubino, Eugenia Trigo, João Tojal e poucos mais. Permitam-me que intercale esta nótula, no meu discurso: se a morte o não levasse, Cagigal, por certo, estaria, hoje, ao nosso lado. A sua atitude eminentemente crítica e a sua inteligência aguda não o deixariam com uma linguagem que não é reflexo da realidade. De facto, o que conhecemos conhecemo-lo pela mediação da linguagem. Como Heidegger o assinala, na **Carta sobre o Humanismo** (Guimarães Editores, Lisboa, p.50), “há um pertencer originário da palavra ao ser”. O ser pensa-se, dizendo-se. Mas o ser também se diz, agindo. No entender de Hannah Arendt, o ser humano é um iniciador (**A Condição Humana**, Relógio d’Água, Lisboa, 2001, p. 227). Só que “nenhuma outra actividade humana precisa tanto do discurso como a acção” (idem, ibidem, p.227). Por isso, me parece lícito perguntar, se é possível, na área do conhecimento que estudamos, um vocabulário científico com a palavra **físico**, no lugar de **pessoa**. As expressões **cultura física, actividade física e educação física** resultam de uma linguagem que o racionalismo popularizou e universalizou e o senso comum dos políticos decretou e oficializou. Nunca será demais repetir que a Educação Física, depois da Ginástica que a **República** de Platão já refere, nasce na Europa, nos séculos XVII e XVIII e precisou do capitalismo colonizador para globalizar-se. Em 1569, em Veneza, ainda Hieronymus Mercurialis publicava o **De Arte Gymnastica**, obra em seis volumes, onde se distingue três tipos de ginástica: médica, militar e atlética. De referir, no entanto, que a repercussão deste livro foi tal que, além das numerosas reedições, era frequentemente citada, no século XIX, nos textos de GutsMuths, Anton Vieth e Friedrich Jahn. No Brasil, segundo Inezil Pena Marinho, na sua **História da Educação Física no Brasil**, “em 1828, aparece em Pernambuco o primeiro livro editado no Brasil, sobre Educação Física e essa glória cabe a

Joaquim Jerônimo Serpa. É um **Tratado de Educação Física - Moral dos Meninos**”(p. 33). A CMH é inseparável da **linguagem** e do **tempo**: da linguagem típica da produção de novas formas do conhecimento, da passagem de uma razão una a uma razão plural e da revolução hermenêutica de Heidegger e Gadamer e proveniente de um tempo em que todo o real é complexo e, por isso, em que se procura um pensamento “que compreenda que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e em que o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes”(Edgar Morin, **Reformar o Pensamento**, Instituto Piaget, Lisboa, p.94). A CMH torna-se ontologia porque é através dela que o ser humano, no acto da transcendência (que há-de resultar em consciência da unidade relacional entre as pessoas), é verdadeiramente. Por isso, esta transcendência não promove a desigualdade, pois que se faz em relação e comunhão com um “tu” fraterno. Muitas das controvérsias científicas podem exemplificar o que vem de escrever-se. No entanto, “o valor simbólico das disciplinas não provém das suas propriedades intrínsecas, mas, isso sim, da representação social (ou das representações sociais) do seu conteúdo, do seu lugar na hierarquia disciplinar e do seu grau, suposto, de cientificidade e de eficiência” (B. Bonfils-Mabilon e B. Étienne, **Será a ciência política uma ciência?**, Instituto Piaget, Lisboa, 2002, pp. 65/66). Por seu turno, o racionalismo assumiu-se como razão forte (só que tão forte que olhou para a importância do corpo, com um olhar vagaroso e claudicante). Ao invés, a razão hermenêutica e pós-moderna afirma-se como pensamento débil, porque tudo é temporal, conjectural e histórico. A CMH, destituída de qualquer presunção metafísica (designadamente a metafísica do “pensamento arqueológico”), encontra na transcendência (ou superação), mormente nos aspectos sociais e políticos, o sentido da vida humana. De facto, a transcendência funciona como potenciadora de uma dimensão sapiencial, tanto no desporto, como no lazer, na saúde, na educação, no trabalho. Porque só quem quer ser-mais, lutando por um mundo de maior justiça social e de convivência com todas as

diversidades, vive verdadeiramente. Para dar mais anos à vida e mais vida aos anos, importa que se implemente uma saúde pública que ultrapasse, sem dispensar, o modelo biomédico, fundamentado na biologia molecular como disciplina básica, dando ao olvido o contexto social, o papel do médico, o sistema de cuidados de saúde, etc. Numa ciência humana, como a Medicina, a Psicologia, a CMH e outras, há que ter em conta a pessoa, elemento de um todo social e comunitário e capaz de uma “poética do devaneio” (Bachelard) e não só o indivíduo, afivelado em si mesmo.

2.A CMH, como resistência aos métodos consagrados, às formas estabelecidas e rotineiras, a uma competição que o economicismo promove, encontra-se próxima dos conceitos de complexidade e diferença e assume uma inequívoca ruptura com a modernidade, com o seu dualismo, logocentrismo, eurocentrismo, antropocentrismo, patriarcalismo (será caso para perguntar, se Gaston Bachelard, com o seu **corte epistemológico**, onde há uma junção **animus**(razão)-**anima**(imaginação), não é um predecessor da pós-modernidade). Todos os “ismos” modernos levaram, demasiadas vezes, à violência e à guerra. Daqui nasceu uma ciência concebida como teoria para o domínio da razão sobre o mundo material, limitado a extensão e movimento, natureza passiva, à disposição do ser humano e que acentuou a ruptura entre a natureza e a cultura, entre o corpo e o espírito, entre o natural e o artificial, entre o observador e o observado, entre o subjectivo e o objectivo, entre o desporto e a vida política. Se bem que a voz de S. Paulo saia de rompante dos arcanos da cultura ocidental, lembrando que todos os que foram baptizados são membros do corpo do Filho de Deus, a metáfora do corpo místico de Cristo não fez ancorar, no mundo material, qualquer assomo de igualdade, no velho dualismo alma-corpo. Ao contrário, a CMH é contemporânea do legado hegel-marxista de sociedade, onde a evolução histórica se processa em direcção a maior justiça e liberdade; da perspectiva foucaultiana do corpo historicamente dependente; da perspectiva construtivista de Elias, a qual realça

a ligação entre os factores biológicos e os sociais; da dicotomia entre corpo-objecto e corpo-vivido, que Merleau-Ponty esclarece e distingue; do corpo na abordagem psicanalítica (de Freud a Lacan); da imagem consumista do corpo, o qual, segundo Baudrillard, é “o mais belo, precioso e resplandecente de todos os objectos” (**A Sociedade de Consumo**, Edições 70, Lisboa, p. 212); e enfim de todos aqueles que entraram de questionar “a perspectiva tradicional sobre a natureza da racionalidade” (António Damásio, **O Erro de Descartes**, Europa-América, Lisboa, p.13). É precisamente contra a perspectiva tradicional que Damásio defende a tese seguinte: “a emoção é uma componente integral da maquinaria da razão”(p.14). E mais adiante: “Não me parece sensato excluir as emoções e os sentimentos de qualquer concepção geral da mente”(p.172). E ainda: “enquanto os acontecimentos mentais são o resultado da actividade dos neurónios, no cérebro, a história prévia e imprescindível que os neurónios do cérebro têm de contar é a do esquema e do funcionamento do corpo”(p.236). Por sua vez, B. S. Turner refere que é, hoje, lícito substituir o “penso logo existo” pelo “consumo logo existo” (cfr. **Regulating Bodies – Essays in Medical Sociology**, Routledge, London, 1992). Daí, que a origem não seja o **logos**, mas a publicidade, o exterior, o epidérmico, o superficial. “É de facto a superfície do corpo o que se vê, que está patente, em todas as campanhas de publicidade, tornando-se o corpo, por um lado objecto de idealização, mas por outro potencial alvo de estigmatização, caso não corresponda aos padrões expressos na própria publicidade” (Maria João Cunha, **A Imagem Corporal**, Autonomia 27, Azeitão, 2004, p. 83). O normal é sempre o normalizado, por efeito da publicidade. E o que mais se publicita? A saúde, evidentemente! E através de que meios? Os mais espectaculares e centrados na ciência/ideologia bio-médica: a dieta e o exercício chamado físico, como se a saúde fosse possível com o físico como significante exclusivo, esquecendo-se que a saúde é um fenómeno social. Em todas as definições de saúde está presente a multidisciplinaridade, pois

Motricidade Humana - qual o futuro?

Manuel Sérgio

que ser saudável pressupõe também uma “saúde social”, decorrente de uma educação em direitos humanos, da luta contra a iniquidade e a injustiça. “É verdade que o poder médico está no centro da normalização social. Os seus efeitos estão por todo o lado: na família, na escola, nas fábricas, nos tribunais, etc.” (Foucault Live; **Collected Interviews, 1961-1984**, org. por Sylvere Lotringer, Nova Iorque, 1996, Semiotexte). No entanto, as doenças não têm sempre o seu radical primeiro, na biologia. A CMH irroga-se o direito de pretender construir um diálogo entre todos os “homens de boa vontade” – diálogo que seja mais do que um método, porque, nele, quem ensina aprende e quem aprende ensina, de modo que todos sejamos aprendizes (através da motricidade, da vida, dos afectos) da responsabilização social diante da exclusão e do desemprego. O corpo não é natureza tão-só, trata-se de uma instituição política. O corpo em acto, ou a motricidade humana, pensa-se e pratica-se como construção de sujeitos históricos, onde o possível é bem mais do que o real. A CMH é um problema epistemológico porque, através de uma inequívoca mudança de paradigma, cria um discurso novo; é um problema ontológico, pois concede prioridade à **pessoa no acto da transcendência** e não ao **físico** ou ao **corpo-objecto**; e é um problema político porque, nesta ciência, se tem em conta a incorporação do **poder**, como algo determinante na constituição de práticas estruturalmente situadas (sigo aqui o Anthony Giddens de **Dualidade da Estrutura – agência e estrutura**, Celta Editora, Oeiras, 2000). Não esqueço o Marcel Mauss da **Sociologie et Antropologie**, ao referir que “o corpo é o primeiro instrumento e o mais natural instrumento do homem. Ou mais exactamente, sem falar de instrumento, o primeiro e o mais natural objecto técnico e, ao mesmo tempo, o meio técnico do homem é o seu corpo” (PUF, Paris, 1997, p. 372). Daí o não dever estranhar-se que a construção científica do corpo se realize “em primeiro lugar, pelo sistema de relações entre o conjunto de comportamentos corporais dos membros de um mesmo grupo e, em segundo lugar, pelo sistema

de relações que unem aqueles comportamentos corporais e as condições objectivas de existência próprias desse mesmo grupo” (Luc Boltanski, “Les usages sociaux du corps”, **Annales – Économies, Sociétés, Civilisations**, volume 26, nº 1, pp. 205-233, 1971). E porque, embora o tropear de velhos positivistas, o corpo não é um exterior sem interior, a construção científica do corpo não se faz sem a motricidade humana, sem o estudo do movimento intencional que visa, verdadeiramente, o desenvolvimento humano.

3. “Na introdução do livro **Epistemologia**, Mario Bunge escrevia, no começo da década de oitenta do século XX, que a epistemologia, ou filosofia da ciência, se tinha tornado no domínio mais importante da filosofia, nos últimos cinquenta anos(...). A ligação às ciências, no entanto, tem constituído sempre um veículo de revigoramento da própria filosofia, desde que Platão se empenhou em estabelecer a via em que o conhecimento científico se libertava das incertezas transportadas pelas informações sensíveis, para dar lugar ao conhecimento verdadeiro” (José Luís Brandão da Luz, **Introdução à Epistemologia**, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2002, pp. 25/26). A “matematização galilaica da natureza” (título do parágrafo nono do livro **A Crise das Ciências Europeias e a Filosofia Transcendental**, em que Husserl refere os ganhos e perdas da idealização matemática da natureza), ou a **mathesis universalis**, que Leibniz forcejou por desenvolver, como sustentáculo da construção do sistema das ciências – ganharam em coerência operativa o que perderam em realidade, pois que as coisas e os homens não são matemática tão-só. A ordem da lógica não integra sempre a ordem real da existência. No caso específico da CMH, que estuda o **corpo em acto**, é no campo das **ciências hermenêuticas**, ou **humanas**, que é possível (e lógico) enquadrá-la. Assinalo, neste passo, que distingo três grandes categorias de ciências, na esteira de Jean Ladrière: as **formais**, as **empírico-formais**, ou **da natureza**, e as **hermenêuticas**, ou **humanas**. Uma epistemologia da Motricidade Humana, não pode esquecer que

esta não é uma área de **físicos**, mas de **pessoas no movimento intencional da transcendência (ou superação)**. Aqui, o físico está integral, mas superado. Portanto, as expressões “Ciência da Actividade Física” e “Ciência da Educação Física” pecam por defeito. O mesmo acontece com a(s) “Ciência(s) do Desporto”, já que o “corpo em acto” não se circunscreve à prática desportiva. O Desporto é o fenómeno cultural de maior magia no mundo contemporâneo. Desconhecê-lo é estultícia de tomo. Mas não resume toda a motricidade. Constitui um desafio permanente para a epistemologia a clarificação progressiva do sentido da acção humana e, para tanto, a linguagem não pode ser arbitrária, mas portadora de rigor e de fundamentação. A “Cinesiologia” quase sempre foi percebida como uma disciplina de uma licenciatura e poucas vezes se constituiu como ramo autónomo do saber. Demais, não nos limitamos à área do “movimento”, mas do “movimento intencional”, ou seja, da “motricidade”, de acordo com a definição da escola fenomenológica, da tradição hegel-marxista e ainda da junção **animus-anima**, proposta por Bachelard. Parece-nos, indubitavelmente, ser a Motricidade Humana o nosso objecto de estudo e o espaço em que se concretiza uma prática profissional. O Desporto, a Dança, a Ergonomia, a Reabilitação Psicomotora e enfim os vários aspectos da motricidade, do jogo ao trabalho, passando pela saúde, o lazer e a educação, são as especialidades que despontam da CMH. Será preciso acrescentar que nos situamos, aqui, em pleno campo das ciências humanas e (no meu caso pessoal) da consciência crítica por um neo-socialismo e ainda de “um pensamento que não quer encerrar-se nas definições” e por isso multiplica as significações e as palavras, usando o conceito de **imaginação**, em Bachelard? O Desporto (um exemplo, entre outros) só à luz das ciências humanas é possível estudá-lo. Ele beneficia também da aplicação de formulações matemáticas (como a economia, a psicologia, a sociologia, etc.), mas seria redutor fazer da matemática o seu radical fundante. Os cursos universitários de Desporto, após larga e por-

fiada reflexão, deverão questionar os seus habituais “curricula” e aproximarem-se, sem equívocos, do **corpo**, dentro de quatro grandes níveis: o **físico-biológico**, o **corpo psicológico**, o **sócio-político**, o **cultural e o noético** e o **corpo artístico**. Deverão questionar os “curricula” e os conteúdos da investigação (expressos, por exemplo, nas revistas que editam) que repetem, muitas vezes, o que os médicos já esqueceram. Cito a propósito David Le Breton: “La sociologia aplicada al cuerpo toma distancia de las aserciones médicas que desconocen la dimensión personal, social, cultural en sus percepciones del cuerpo. Porque parecería que la representación anatomofisiológica quisiera escapar de la historia para volverse absoluta” (**La sociologia del cuerpo**, Ediciones Nueva Visión, Buenos Aires, 2002, p. 36). Embora se saiba que, no mundo gnóstico de afivelado rictus de desprezo pelo corpo, que alguma pós-modernidade prefigura, um mundo sem corpo, preenchido de circuitos electrónicos e de modificações genéticas ou morfológicas, parece ser o ideal que se procura. No entanto, os avanços hodiernos das neurociências já insculpam, na ciência e na filosofia, a especificidade da consciência humana. António Damásio, na sua obra, apresenta fartas razões científicas, em prol da tríade “cérebro-mente-corpo”. O cérebro e o corpo são inseparáveis, pois que se encontram relacionados, dialecticamente, por circuitos de ordem bioquímica e neural. De facto, o corpo remete ao cérebro sinais, por intermédio da corrente sanguínea ou dos nervos periféricos. Por sua vez, o cérebro também condiciona o corpo, por meio do sistema nervoso autónomo e músculo-esquelético ou da libertação de substâncias químicas no sangue. Aliás, é da relação cérebro-corpo que desponta a **mente**. E esta fundamenta-se na **incorporação**. António Damásio sugere que relembremos o caso dos “cérebros numa cuba”, composto por Hilary Putnam, em **Razão, Verdade e História** (Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1992, pp. 28-30). Imagine-se que um cérebro foi excisado do corpo e arrumado numa cuba que o mantém vivo, por terminais nervosos ligados a um supercomputador.

E põe-se a questão: um cérebro separado do corpo, se bem que estimulado artificialmente numa cuba, possui uma mente? De facto, diz António Damásio, não possui uma **mente normal**, pois que o funcionamento perfeito da mente decorre da interacção cérebro-corpo, isto é, dos estímulos cerebrais enviados para o corpo e dos sinais de resposta que este, uma vez alterado, remete para o cérebro. “A relação triádica e indissociável entre cérebro, mente e corpo, proposta por António Damásio, permite, a nosso ver, o afastamento e a superação da forma clássica de pensar a natureza humana em termos duais, de cisão entre espírito e corpo. O autor propõe-nos um modelo de compreensão do Homem que implica a referência à corporeidade, não como uma contingência, mas como algo essencial à sua constituição. A subjectividade damasiana é, na verdadeira acepção da palavra, uma subjectividade unificada, uma totalidade concreta” (Sara Fernandes, “A Identidade Pessoal – reflexões em torno da neurociência e da religião”, in **A Mente, a Religião e a Ciência**, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2003, pp. 219–220). Não ficaria mal acrescentar, aqui, o que Paul Ricoeur nos ensina em **Soi-même comme un autre** (Éditions du Seuil, Paris, 1990, p.14), adiantando que o Si supõe a alteridade, “em grau tão íntimo” que um não pode pensar-se sem o outro.

4. Mesmo que se conserve a expressão “Educação Física”, por interesses vários (um deles, o desinteresse pela constituição de um vocabulário científico e pela incapacidade de fazer ciência, longe de um positivismo petrificado) que não discuto, neste passo, julgo que será de manter a “Motricidade Humana”, como o objecto de estudo desta área. Conhecimento, acção, vontade, afectividade interpenetram-se e realizam-se de tal modo, na motricidade humana, que é ilusório, para os “professores de Educação Física”, admitir problemas puramente físicos, na sua profissão. O que se proclamou, no passado, como verdade, merece questionamento, actualmente. Kant definiu, de modo exemplar, no seu pequeno tratado sobre educação, o que o senso comum entendia por Ginástica: “é a educação daquilo que é natureza, no homem”. Ele não

conhecia a existência de **sistemas** autopoieticos. Se do século XVIII até hoje, nada tivesse florescido de original, de inovador, então deixaria de ser uma realidade indesmentível o processo histórico. Uma teoria sobre o ser humano não pode senão assentar basicamente no ser humano de que é a teoria. Como se poderia contribuir, doutro modo, à sua transformação? Ora, ao dizer-se que a transcendência é o sentido da Motricidade Humana, confere-se ao “corpo em acto” uma expressão profética, pois **o que é não pode ser**. Mas a extensão da transcendência não se limita aos aspectos físicos do ser humano. A sua constituição e diferença qualitativa, em relação à Educação Física, alarga a Motricidade Humana às dimensões intelectuais, morais, sociais e políticas e poéticas da existência. Todavia, o conceito de “transcendência”, ou superação, pode aplicar-se também à própria matéria. Ilya Prigogine enunciou o conceito de **estrutura dissipativa**, que associa as ideias de ordem e desperdício de energia e matéria, ou seja, de ordem e desordem, significando, com este conceito, a aptidão que um sistema aberto possui, para adquirir novas propriedades, em consequência de flutuações provenientes das suas interacções com o meio ambiente. A matéria revela-se, deste modo, capaz de auto-organizar-se. A entropia mostra-se não só produtora de desordem, mas de uma ordem com a coerência suficiente para dela emergirem novas propriedades dotadas de crescente autonomia, em relação ao meio ambiente. Segundo Prigogine, na irreversibilidade pode estar o segredo da organização biológica. Cito, a propósito, este autor, no seu livro **O Nascimento do Tempo**: “O livro de Schrodinger fez-me intuir, em 1945, que os fenómenos irreversíveis podiam ser a fonte da organização biológica e, a partir de então, esta ideia nunca mais me abandonou” (p. 27 da tradução portuguesa das Edições 70). Prigogine propõe-nos uma visão optimista da realidade, onde ao tempo-degradação da entropia sucede um tempo-criador que, à semelhança da **durée** bergsoniana, informa a evolução do universo. “Nos mais diversos ramos das ciências da natureza desenha-se, além disso, neste último quartel de século, o estertor definitivo do para-

digma mecanicista, que vigorou na modernidade e tão grandes malefícios trouxe à ontologia, obrigando-a a um mais ou menos confesso dualismo substancial. Na verdade, como poderia comportar uma matéria, determinada por leis necessárias, a **possibilidade** e o **acontecimento**, em que se inscreve a aventura escalonante da vida?” (Mafalda de Faria Blanc, **Introdução à Ontologia**, Instituto Piaget, Lisboa, 1997, p. 125). Poderíamos ainda referir a geometria fractal, bem como a teoria do caos e a das catástrofes. Enfim, de uma forma ou de outra, a natureza surge como uma potência de organização e desenvolvimento, mais estruturada por processos e dinâmicas imparáveis do que por estados de ordem e de equilíbrio. Todas as criaturas, desde as estrelas aos macro e micro-organismos, encontram-se em permanente processo de reorganização. De facto, a própria matéria inerte é energia e não um conjunto de átomos rígidos, sujeitos a leis mecânicas de atracção e repulsão. Tudo se movimenta para onde? Um dia, Antero de Quental exclamou: “Abrem-se as portas de oiro com fragor/ Mas dentro encontro só, cheio de dor,/ Silêncio e escuridão – e nada mais!”. Um ponto nos parece indiscutível: o movimento mais autenticamente humano é o que pretende acercar-se do desenvolvimento... ou do Absoluto, se assim se quiser! Poderíamos recordar o Santo Agostinho das **Confissões**: “Fizestes-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração não descansa, enquanto não repousa em Vós”. Este apelo ao mais-ser é um facto universal. Seria um decadente, um mutilado aquele homem (ou aquela mulher) que não sentisse a necessidade imperiosa de movimentar-se para transformar e transformar-se. A motricidade humana é assim uma tomada de posição, diminui o campo do indeterminado, afirma-se como orientação e sentido. Pois não é verdade que todo o movimento intencional encerra necessariamente uma determinada concepção de vida? Retorno a José Gil, quando assinala, no livro que citámos, que a fenomenologia jamais considerou a consciência fora da intencionalidade. Ora, a “consciência do corpo” transforma-se em pensamento e abre o corpo a múltiplas conexões

com o mundo. O “bailarino apreende o sentido geral da sua dança, a situação do seu corpo, no espaço e frente ao público, o jogo dos olhares e das energias na atmosfera, antecipa o sentido dos movimentos a executar. Está consciente de tudo isto, num grau muito superior ao de uma consciência normal” (idem, *ibidem*, p.179).

5. “Desde Descartes que pensamos contra a natureza, certos de que a nossa missão é dominá-la, conquistá-la” (Edgar Morin, **O Paradigma Perdido**, Publicações Europa-América, Lisboa, 1975, p. 15). Ora, em qualquer acção, há que reconhecer “que as intersecções tempo-espaço se encontram envolvidas, em toda a existência social, de maneira essencial. A análise social terá de reconhecer (...) a existência de um sentido de **différance** que, mais do que duplo, tem um carácter triplo (...). A actividade social surge-nos sempre constituída, através de três momentos de diferença, entrecruzados temporalmente, paradigmaticamente (...) e espacialmente. Em todos estes sentidos, as práticas sociais são sempre actividades **situadas, ou modos de actividade historicamente localizados**” (Anthony Giddens, *op. cit.*, pp. 12 e 15). Em Heidegger, tudo o que existe é um **ente**, é devir, é tempo. Ora, o tempo donde nasceu a Educação Física não é o mesmo de hoje. Por isso, quando se fala em Educação Física, é preciso reflectir e provocar a reflexão, precisamente num tempo em que a reflexão é difícil e bem fácil a informação. E de uma informação, sem reflexão, a banalização pode ser o seu risco e o seu resultado. Discernir, procurar a significação e o sentido, agir intencionalmente na construção de uma nova ética cívica parece mais árduo e menos cómodo do que estudar e promover as qualidades físicas, estender o império da técnica a toda a complexidade humana, esquecer a dimensão política de qualquer conduta intencional. A operacionalização da CMH depende da cultura, da competência e da liderança do professor, do técnico, do instrutor; da compreensão e receptividade do aluno, do atleta, do paciente; e das condições sociais, que os condicionam, ou melhor, da estrutura, do sistema e da estruturação. Não se aprende tão-só, através de

regras e preceitos. A práxis é insubstituível: quem não pratica não sabe! Só que a práxis supõe uma formação, uma pedagogia. Assim, a CMH não põe em causa o progresso científico, em todas as suas formas, mas rejeita o **Homem Máquina** de Galileu e Descartes e Newton e Kant e da “mathesis universalis” e do positivismo e ainda dos liberais “laissez-faire” e laissez-passer”, ou do monolitismo de qualquer ditadura. A CMH só existe na medida em que assume o ser humano, na integralidade das suas funções e das suas potencialidades. E, porque assume, zela pela salvaguarda da dignidade humana. O profissional, em qualquer uma das especialidades da CMH, deverá ser, simultaneamente, um, digamos assim, **eticista** (sirvo-me de expressão de raiz anglo-saxónica que traduz o profissional com formação superior, na área da ética e da biologia). No campo da educação, o profissional do desporto, ou o da dança, ou o da ergonomia, ou o da reabilitação psicomotora, poderão ter em conta a **educação bancária** e a **educação problematizadora**, tematizadas, como se sabe, por Paulo Freire. Segundo este notável escritor e pedagogo brasileiro, aquela pretende aprisionar os alunos numa situação de “imersão”; esta possibilita a “imersão das consciências” e, assim, uma inserção autónoma e crítica na sociedade. Ora, há demasiada educação bancária, no desporto, incluindo os seus aspectos pedagógicos. Em Paulo Freire, a **práxis** articula a acção e a reflexão. Para ser **práxis**, a educação desportiva não pode ser nem verbalismo, nem activismo. Manuel Ferreira Patrício escreve, a propósito: “Uma prática cega é talvez agitação, ou redundante inevitavelmente em agitação. Só se foge a isso com a prática pensada. Ao nível das sociedades, a prática pensada é prática metódica, planificada – define finalidades e objectivos, mobiliza meios” (**Lições de Axiologia Educacional**, Universidade Aberta, Lisboa, p. 103). Que o mesmo é dizer: implica valores, comportamentos e relação dialógica, já que, na educação problematizadora, professor e aluno são ambos educandos. E supõe igualmente a problemática do perguntar. É em função do perguntar que o educando não se limita ao que o professor lhe ensina

e que a cultura é o horizonte da educação e esta se converte no desenvolvimento da autonomia. A que se resume a filosofia de Derrida, com a sua proposta de desconstrução do continuísmo fundamentador e Habermas, com a defesa da razão comunicacional e Edgar Morin, com o paradigma da complexidade e Maturana e Varela, com a teoria da autopoiesis senão a uma questão: como é possível uma “filosofia da diferença”, já que se torna impossível interpretar o mundo, a partir de um lugar arquimédico, de um ponto de vista absoluto? A Educação Física, conforme Kant a entendia nas suas **Réflexions sur l'Éducation**, “comum aos homens e aos animais, consiste no adestramento” (J. Vrin, Paris, 1989, p. 89). Não se esquece, neste passo, que a **educação física**, em Kant, também inclui a **cultura da alma**, pois que, neste filósofo, alma e corpo não são duas **substâncias** diferentes. No entanto, “esta cultura física do espírito distingue-se da cultura moral, já que esta última se relaciona apenas com a liberdade, enquanto aquela se relaciona unicamente com a natureza. Fisicamente, um homem pode ser muito cultivado, o seu espírito pode encontrar-se muito adornado e entretanto ele pode encontrar-se moralmente mal cultivado e mais não ser do que um homem mau” (Idem, ibidem, p.109).

6. Uma aula, ou um treino, à luz da CMH, deve principiar, com esta pergunta, feita pelos que a compõem: “Que tipo de pessoa quero eu que nasça desta aula (ou deste treino)?”. E, depois, procurar-se-á unir e não separar os vários métodos pedagógicos (ou de treino) e a filosofia que os deve acompanhar, para que se passe do conhecimento daquilo que é ao conhecimento daquilo que deve ser. O ser humano não tem, unicamente, uma existência biológica (onde são visíveis também as complementaridades indivíduo/grupo, indivíduo/espécie, indivíduo/sociedade, indivíduo/cultura), mas também uma existência, usando as palavras de Edgar Morin, antropossociológica, condicionada e construída pela sociedade, pela economia, pela cultura. Ora tudo isto deve estar presente, na educação, no desporto, na dança, na ergonomia e na

reabilitação psicomotora. “Hoje, a teoria dos sistemas substituiu a visão epistémica dos objectos pela dos sistemas, ou dos sistemas-objecto, entre os quais se encontra o sistema-objecto-sujeito-observador” (José Rozo Gauta, **Sistémica y Pensamiento Complejo II. Sujeto, Educación, Trans-disciplinaridad**, Biogénesis, Colombia, 2004, p. 133). De referir ainda que a noção de sistema evoluiu de uma simplicidade estática, encerrada e fechada em si mesma, para uma complexidade aberta, dinâmica, autopoietica, autorreferente e autorreflexiva, composta por elementos heterogêneos, que conformam e mantêm uma unidade sistémica, na qual as qualidades emergentes são maiores do que a soma das qualidades de cada um dos elementos. Estas ideias surgiram à margem da hiperespecialização que invadiu as várias disciplinas científicas, ao mesmo tempo que entraram de acentuar a necessidade para o conhecimento de sistemas-objectos, abertos, dinâmicos, autopoieticos, autoeco-organizadores e reflexivos – ao mesmo tempo que entraram de acentuar a necessidade, dizia, da inter, da trans, da multidisciplinaridade, enraizando (e não reduzindo) o físico-biológico no cultural e o cultural no físico-biológico. Com isto, não se violentam despoticamente as disciplinas, pois que elas mesmas se fortalecem no diálogo e convívio, com os outros ramos do saber. A operacionalização da CMH é praticar a unidade bio-antropo-sócio-cultural e política., dado que, em cada sistema, há elementos doutros níveis e sistemas. Cabe aos professores e aos técnicos trabalharem a complexidade, nos exercícios e nas acções, que os seus alunos e atletas assumem, visando vários objectivos, tais como: a saúde, a educação, o lazer, o trabalho, a competição desportiva (que há-de ser uma competição-diálogo, sem qualquer assomo de hostilidade). Não é ser sensato endurecer na atitude de conservação de métodos que a ciência e a filosofia consideram defuntos, irreversível e definitivamente. O futuro da CMH só pode ser o futuro (quatro exemplos, entre outros) de um desporto e de uma dança e de uma ergonomia e de uma reabilitação que se convertam na expressão corporal do desenvolvi-

mento sócio-económico e mesmo axiológico de um povo. O treino físico, o treino técnico, o treino táctico, o treino psicológico e o treino teórico, dentro de uma visão dinâmica e integrada (dado que o treino analítico morreu), deve inscrever-se numa linha de promoção de valores, os quais me parecem intrínsecos à CMH. O estudo e a vivência do desporto resulta no estudo e na vivência de valores, incluindo os cognoscitivos. “Colocar um problema, onde tudo parece evidente é essa a essência do pensamento criador, tanto na ciência como nos outros domínios. Levantar uma questão consiste em perspectivarmos uma realidade sob um novo ângulo. O questionamento é constitutivo da experiência, tanto da percepção como do saber que dela resulta. Pouco importa aqui a modelização do processo interrogativo” (Michel Meyer, **A Problematologia**, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1991, p. 61). E escreve, mais adiante, o mesmo autor: “Que tenha cuidado aquele que pretende já ter as respostas, sem se ter interrogado, sem as ter interrogado” (p.274).

7. “De um ponto de vista conceptual, o **poder** encontra-se entre duas noções mais amplas: a de capacidade transformadora, por um lado, e a de dominação, por outro. O poder é relacional, mas só opera através da utilização da capacidade transformadora, tal como esta é gerada pelas estruturas de dominação” (Anthony Giddens, op. cit., p. 89). Poderíamos relembrar, aqui, que “foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política” (**Microfísica do poder**, Edições Graal, Lisboa, 1996, p. 80). Oxalá o poder, seja ele qual for, com a vibratilidade típica do hermeneuta, se deite a pesquisar: se o que tradicionalmente se conhece como Educação Física tem, ou não, como objecto de teoria e de prática, a motricidade humana; se esta pode, ou não, organizar-se, logicamente, como uma ciência humana; e, se a motricidade humana é o “corpo em acto”, os correspondentes “curricula” universitários não deverão rever-se, de modo a que se torne visível, no estudo e na pesquisa, um novo paradigma. De

facto, é na busca de um novo paradigma que eu me situo – paradigma que não é objecto, mas sistema. Com efeito, quem se movimenta intencionalmente, movimenta-se com bem mais do que apenas o seu próprio peso. A propósito, podemos chamar à colação o Edgar Morin de **O Método – 1**: “Os objectos dão o seu lugar aos sistemas; no lugar de essências e substâncias, organização; em vez de unidades simples e elementares, unidades complexas; em vez de agregados que formam corpo, sistemas de sistemas de sistemas” (p. 148). Daqui resulta que um sistema se constitui como uma **rede de relações e de conexões**, que podem realizar-se, quer em baixa, quer em alta complexidade (e quanto maior é a complexidade, maior é a incerteza). “Para realizar la descripción de las relaciones intrasistémicas, debemos tener en cuenta que cada elemento a su vez es un sistema con todas las características de sistema y cuyos elementos constituyentes no son elementos que pudiéramos llamar simples. Según Luhman, la diferencia entre sistema y entorno obliga a sustituir la diferencia entre el todo y las partes por una teoría de la diferenciación de sistemas. La diferenciación de sistemas es, simplemente, la repetición de la formación de sistemas dentro de los sistemas” (José Rozo Gauta, **Sistémica y Pensamiento Complejo – paradigmas, sistemas, complejidad**, Biogénesis, Colombia, 2003, p. 56). Assim, o que venho pretendendo organizar, de há quase trinta anos a esta parte, não é um novo objecto, mas uma nova unidade complexa ou sistema, a CMH, onde o movimento se confunda com a utopia de transformação da realidade. Também no desporto, na dança, na ergonomia, na reabilitação psicomotora, etc., é preciso assumir em pleno a condição humana! As aulas, nos cursos de Motricidade Humana, devem repensar-se de forma a permitirem o desenvolvimento doutras qualidades, para além das físicas, tais como: a razão, a sensibilidade, a percepção, a imaginação. É evidente que necessárias se tornam: “a aproximação personalizada do professor ao aluno; a estimulação da actividade do aluno, como modo de estar e de fazer, em que ele se sente significativamente envolvido; a produção do

conhecimento, não como prerrogativa do professor, mas compartilhada pelos alunos, numa dinâmica de pesquisa sempre em aberto que permitirá, não só aprofundar a informação como ampliá-la e diversificá-la” (Emanuel Medeiros, **A Filosofia como centro do currículo, na educação ao longo da vida**, Instituto Piaget, Lisboa, 2005, p. 58) – mas que se tenha em conta que, numa filosofia da educação, as referências e os instrumentos não são unicamente pedagógicos. E a ideologia? E a classe social? E a subjectividade? E a cultura? E o currículo oculto?... A superação do idealismo, ou até do oportunismo, começa na “definição de um caminho no qual está o sujeito real, que age, vive e pensa” (idem, ibidem, p. 338). Não há humanismo integral, nos hiperespecialismos, que aumentam exageradamente certas dimensões do humano e subdesenvolvem outras. O treinador desportivo, ou o ergonomista, ou o técnico de dança, etc., etc. devem radicar a sua actuação em grandes eixos axiológicos e políticos, onde se afirma o primado da ciência sobre a tradição e o primado da sensatez sobre o capricho e o primado da esperança sobre messianismos exógenos ou endógenos. A CMH é, antes de tudo, movimento intencional e quem se movimenta, mais do que pensar, vive! Qualquer um dos aspectos da Motricidade Humana é uma forma de vida. E se “todo vivir es convivir con una circunstancia”, como dizia Ortega, no desporto (por exemplo), as funções cognitivas e afectivas do praticante são mais do que desporto, mesmo em plena prática desportiva. De salientar, aqui, que o jogo é uma oportunidade única de desenvolvimento da criança que nele aprende a aprender. A criança (e o adulto) deve jogar como se a vida e a sanidade mental dependessem da actividade lúdica.

8. Inteirados do que vem de escrever-se até aqui, é-nos lícito fazer a síntese e concluir. **A CMH (decorrente de um corte epistemológico, ou de uma mudança de paradigma, no seio da Educação Física) é uma nova ciência humana, onde portanto o ser humano surge, como ser, consciência e valor.** Não há aqui qualquer assomo de positivismo, ou da criação

de fronteiras artificiais (geradoras de claustrofobia) pois que a especificidade histórico-cultural e política da CMH é de rebeldia contra o que é aceite pela tradição acrítica e pela rotina e pela sua colonização da realidade, através do desenvolvimento à moda ocidental (são chamados **bárbaros** os que se opõem a este processo civilizador). De facto, é nas “margens” (ou entre os marginais que não se confundem com integristas e terroristas) que, muitas vezes, se conservam os valores humanos, contestados pelo Ter e pelo Poder. Nasce aí, normalmente, a crítica e a subversão da desordem estabelecida. E se o determinismo da ciência ocidental, cartesiana e positivista, foi superado, por que não há-de suceder o mesmo com o desporto excludente – produto do capitalismo mundializado? O método é o **integrativo, ou seja, a síntese de muitos métodos, sem esquecer que o lugar constituinte da relação eu-tu é a linguagem, é o diálogo**. Um outro ponto a considerar: **se a profissão do licenciado em Motricidade Humana radica num curso universitário, é certo que se fundamenta numa área científica (ou numa ciência mesmo)**, dado que a universidade é o lugar, por excelência, onde se cria e recria o conhecimento científico e daí procure proporcionar uma ampla cultura científica de base. Por outro lado, a ciência exclui, tanto o maximalismo dos militantes fervorosos de uma causa, como o imobilismo dos práticos. Reafirmo a recusa, pela CMH, do positivismo e do cientismo. “Substituir **Deus** pelo **Facto** é forçar que a imaginação, o sonho, o desejo de eternidade morram logo ali, sem que o sentido possa ser desocultado e perseguido (...). Em consequência, qualquer cientista prudente dir-vos-á que não deseja responder à questão do **porquê** das coisas e que o seu domínio de predilecção se limita à investigação do **como**” (Adalberto Dias de Carvalho (org.), **Problemáticas Filosóficas da Educação**, Edições Afrontamento, Porto, 2004, p. 51). Há fenómenos que escapam aos meios de pesquisa (investigação) das ciências. Uma lágrima, por exemplo, não é só água e cloreto de sódio. E a miséria que grassa pelo mundo não se resume a

um fenómeno típico da economia, porque reveste também a dimensão ético-política. **Os cursos de Motricidade Humana não-de acentuar que o saber não é um conjunto de conhecimentos puramente intelectuais, nem simplesmente físicos, pois que a cultura é a aliança do saber e da vida**. Por isso, a universidade há-de reforçar a ligação ao universo do trabalho, procurando ligações institucionais com empresas, hospitais, ginásios, clubes, etc. **Também os cursos de Motricidade Humana não devem deixar aprisionar-se pelo modelo biomédico tradicional** (que decorre das seguintes premissas: ênfase em medidas numéricas e em dados bioquímicos, dualismo corpo-mente, visão das doenças como entidades, reducionismo, ênfase no doente individual e não na família ou na comunidade) porque a saúde passou a ser observada doutra forma. A evolução do conceito de saúde estuda-se, hoje, dentro de um conceito sistémico. Demais, só de dentro de uma visão sistémica pode emergir uma “utopia motora” que seja a expressão corpórea de uma utopia social. Por isso, o atleta que só faz o que o treinador ordena é, de certo, um praticante de fraco nível. Depois, os profissionais de Motricidade Humana deverão trabalhar na Saúde, mas também no Desporto, na Arte, na Educação, no Lazer, no Trabalho. A Motricidade Humana terá futuro se formar **educadores e técnicos, que sejam simultaneamente investigadores (criadores e recriadores de condições que humanizem a vida de cada um de nós, como cidadãos, como profissionais, como pessoas)** e não professores, simples técnicos que não passaram ainda à hodierna tecnociência (meros transmissores de velhos conhecimentos). A problemática dos profissionais de Motricidade Humana inscreve-se no círculo mais amplo da problemática da formação humana e ainda da inovação e da competitividade, tão em voga, mas visando sempre a saúde e a educação problematizadora... para todos! Os profissionais de Motricidade Humana são, indubitavelmente, mesmo com a designação profissional de técnicos, **formadores**, isto é, recebem e dão

Motricidade Humana - qual o futuro?

Manuel Sérgio

formação, em vista a um futuro, no qual a variedade seja unidade também. Definem-se duas grandes possibilidades da CMH: um saber que se estuda e desenvolve, no círculo restrito dos especialistas; uma prática que vai chegando, nas suas várias formas, ao alcance de todas as pessoas. Há, assim, nesta acepção, uma dimensão iniludível entre o desporto, a dança, a ergonomia, a reabilitação psicomotora e a democracia e a própria filosofia. Temas como as liberdades fundamentais, a generosidade, o companheirismo, a solidariedade, a justiça, o respeito pelos outros e por nós mesmos, etc., temas eminentemente ético-políticos, devem acompanhar uma práxis que se pretende, em primeiro do mais, saudável e promotora de uma boa condição física (physical fitness). Mas, as variáveis associadas a um estilo de vida saudável são também políticas. Na linha da prática política, a CMH aceita e admira os espectáculos de Desporto e Dança, praticados por superdotados e super-treinados. Mas que não se promova o espectáculo desportivo, para conformizar e anestesiar multidões, para adormecê-las enfim à recusa da sociedade injusta estabelecida. Em tudo o mais, o atleta super-dotado assemelha-se ao artista e ao literato e ao cientista e ao técnico, super-dotados, isto é, merece apoio, admiração e aplauso. Qual o futuro da CMH? Depois da ginástica (a **Gymnasia**, entre os gregos, integrava a **Athletiké**, como sua sub-classe) e da educação física, oxalá ela seja considerada (e construa para tanto as linguagens e as ferramentas teóricas) uma ciência fundamental, como fundamental é, para o ser humano, o movimento intencional, visando a transcendência, a qual é, para a CMH, o sentido da vida. Que não se esqueça, por fim, que é imperioso **innovar**. Mas será a inovação um valor absoluto em si? Se a ciência e a cultura são universos necessariamente axiológicos, importa acompanhar a inovação de um questionamento permanente, de uma busca incessante de sentido e de sabedoria. É normal, em nome da inovação, descambar no mais puro cientismo ou colectivismo. Na linha filosófica da CMH, afinal uma filosofia humanista e personalizante, nem toda a mudança é inovação. Só o é

verdadeiramente se houver nela um acréscimo de humanidade, na sua prática e na sua teoria. Manuel Ferreira Patrício, um dos expoentes da Filosofia da Educação, em Portugal, escreve a propósito da Educação: “O que vem de novo em Educação não é necessariamente bom. A genuína inovação educativa exige a envolvimento axiológica” (in Emanuel Oliveira Medeiros, coordenador, **Utopia e Pragmatismo em Educação: Desafios e Perspectivas**, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 2002, p. 58). **Mutatis mutandis**, ao referir-me à CMH, que não é só Educação, faria minhas as palavras do insigne pedagogo.

Correspondência

Prof. Manuel Sérgio
Instituto Piaget (ISEIT)
Av. de Berna, 27 - 2.º Dto.
1050-037 Lisboa
E-mail: m.sergio@netcabo.pt